

A BASE DA ESTRUTURA GRAMATICAL EM LIBRAS: APRENDIZAGEM PARA NÍVEL

*THE BASIS OF GRAMMATICAL STRUCTURE IN LIBRAS (BRAZILIAN SIGN LANGUAGE):
LEARNING FOR LEVEL*

*LA BASE DE LA ESTRUCTURA GRAMATICAL EN LIBRAS (LENGUA DE SEÑAS BRASILEÑA):
APRENDIZAJE POR NIVEL*

José Sinésio Tôrres Gonçalves Filho

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Silvia Saraiva de França Calixto

Universidade Federal de Goiás, Brasil

Carla Beatriz Medeiros Klein

Universidade Federal do Rio Grande, Brasil

Deonísio Schmitt

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Ananda Loiola Simões Elias

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Marcelo de Araújo Costa

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

DOI: <https://doi.org/10.46550/ilustracao.v7i1.517>

Publicado em: 06.02.2026

Resumo: O presente artigo analisa a base da estrutura gramatical da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), com ênfase em sua aprendizagem no nível básico, considerando pressupostos da linguística das línguas de sinais, da terminologia e da educação bilíngue. A problemática que fundamenta o estudo reside na persistência de abordagens pedagógicas que desconsideram a lógica gramatical própria da Libras, frequentemente subordinando-a às estruturas da língua portuguesa. Diante desse cenário, o objetivo da pesquisa consiste em discutir os conceitos fundamentais, o contexto histórico e a evolução da gramática da Libras, evidenciando sua autonomia linguística e relevância para os processos iniciais de ensino-aprendizagem. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, de caráter bibliográfico e documental, baseada na análise de obras clássicas e contemporâneas sobre a gramática das línguas de sinais, bem como em documentos legais que regulamentam o uso da Libras no Brasil. Os resultados apontam que a compreensão dos parâmetros gramaticais visuais, do uso do espaço linguístico e das expressões não manuais constitui elemento central para a aprendizagem básica da língua, contribuindo para o desenvolvimento da competência comunicativa e para práticas educacionais mais consistentes. Conclui-se que o domínio conceitual da estrutura

gramatical da Libras é indispensável para a formação linguística inicial e para o fortalecimento de uma educação inclusiva e linguisticamente fundamentada.

Palavras-chave: Libras. Estrutura gramatical. Língua de sinais. Aprendizagem básica. Educação inclusiva.

Abstract: This article analyzes the foundations of the grammatical structure of Brazilian Sign Language (LIBRAS), with emphasis on its learning at the basic level, based on theoretical contributions from sign language linguistics, terminology, and bilingual education. The research problem arises from the persistence of pedagogical approaches that disregard the specific grammatical logic of Libras, often subordinating it to the structures of the Portuguese language. Thus, the objective of this study is to discuss the fundamental concepts, historical context, and evolution of Libras grammar, highlighting its linguistic autonomy and relevance to initial teaching and learning processes. Methodologically, this is a qualitative, bibliographic, and documentary study, grounded in the analysis of classical and contemporary works on sign language grammar, as well as legal documents regulating the use of Libras in Brazil. The results indicate that understanding visual grammatical parameters, spatial organization, and non-manual markers is essential for basic-level learning, contributing to the development of communicative competence and more effective educational practices. It is concluded that conceptual mastery of Libras grammatical structure is indispensable for initial linguistic training and for strengthening inclusive and linguistically grounded education.

Keywords: Libras. Grammatical structure. Sign language. Basic learning. Inclusive education.

Resumen: Este artículo analiza la base de la estructura gramatical de la Lengua Brasileña de Señas (LIBRAS), con énfasis en su aprendizaje en el nivel básico, a partir de aportes teóricos de la lingüística de las lenguas de señas, la terminología y la educación bilingüe. El problema de investigación se fundamenta en la permanencia de enfoques pedagógicos que desconocen la lógica gramatical propia de la Libras, subordinándola con frecuencia a las estructuras del idioma portugués. En este contexto, el objetivo del estudio es discutir los conceptos fundamentales, el contexto histórico y la evolución de la gramática de la Libras, destacando su autonomía lingüística y su relevancia para los procesos iniciales de enseñanza-aprendizaje. Metodológicamente, se trata de una investigación cualitativa, de carácter bibliográfico y documental, basada en el análisis de obras clásicas y actuales sobre la gramática de las lenguas de señas, así como de documentos legales que regulan el uso de la Libras en Brasil. Los resultados señalan que la comprensión de los parámetros gramaticales visuales, del uso del espacio lingüístico y de los marcadores no manuales es fundamental para el aprendizaje básico, favoreciendo la competencia comunicativa y prácticas educativas más consistentes. Se concluye que el dominio conceptual de la estructura gramatical de la Libras es esencial para la formación lingüística inicial y para el fortalecimiento de una educación inclusiva y fundamentada.

Palabras clave: Entre 4 y 6 palabras clave, separadas por puntos. Por ejemplo: Ley. Libertad. Patria. Brasil.

1 Introdução

A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) constitui-se como uma língua natural de modalidade visual-espacial, dotada de estrutura gramatical própria, complexa e sistemática, desenvolvida historicamente no seio da comunidade surda brasileira. Seu reconhecimento legal, por meio da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e regulamentação pelo Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, consolidou não apenas seu status jurídico, mas também a necessidade de aprofundamento científico acerca de seus aspectos linguísticos, especialmente no que se refere à sua estrutura gramatical e aos processos de ensino-aprendizagem (Brasil, 2002, p. 1; Brasil, 2005, p. 3).

A compreensão da base da estrutura gramatical da Libras apresenta-se como elemento central para a aprendizagem em nível básico, sobretudo para aprendizes ouvintes que iniciam o contato com a língua. Diferentemente do português, língua oral-auditiva predominante no contexto educacional brasileiro, a Libras organiza-se a partir de princípios linguísticos próprios, fundamentados na simultaneidade, no uso do espaço tridimensional e na integração entre sinais manuais e elementos não manuais, como expressões faciais e corporais. Tal especificidade impõe desafios teóricos e pedagógicos, uma vez que a tendência inicial de muitos aprendizes consiste na tentativa de transpor mecanicamente estruturas do português para a língua de sinais, prática que compromete a aquisição adequada da competência comunicativa em Libras (Quadros, 2004, p. 47).

Do ponto de vista linguístico, estudos demonstram que a Libras apresenta níveis estruturais equivalentes aos das demais línguas naturais, incluindo fonologia, morfologia, sintaxe e semântica, ainda que organizados de forma distinta em razão de sua modalidade visual-espacial (Quadros; Karnopp, 2004, p. 29). A fonologia da Libras, por exemplo, baseia-se na combinação de parâmetros visuais, como configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação e expressões não manuais, os quais desempenham papel análogo aos fonemas nas línguas orais. Esses parâmetros não apenas formam os sinais, mas também contribuem para a construção gramatical dos enunciados, sendo fundamentais para a aprendizagem inicial da língua (Karnopp, 2010, p. 62).

No nível básico de aprendizagem, o estudo da estrutura gramatical da Libras deve priorizar a compreensão desses parâmetros e de sua articulação no discurso, bem como o reconhecimento de que a ordem dos sinais e o uso do espaço não seguem rigidamente os padrões sintáticos do português. A literatura especializada aponta que a Libras apresenta flexibilidade sintática, frequentemente organizada segundo estruturas tópico-comentário, nas quais o elemento tematizado é posicionado inicialmente no espaço discursivo, seguido da informação principal (Quadros, 1997, p. 81). Tal característica evidencia a necessidade de uma abordagem pedagógica que valorize a lógica interna da língua, em detrimento de métodos baseados exclusivamente na tradução literal.

Além disso, a aprendizagem da gramática em Libras, desde o nível básico, não pode ser dissociada de aspectos sociolinguísticos e culturais. A língua de sinais é indissociável da identidade surda, configurando-se como elemento constitutivo da cultura dessa comunidade. Assim, o ensino de sua estrutura gramatical deve considerar não apenas regras formais, mas também os usos linguísticos contextualizados, respeitando as práticas discursivas próprias da comunidade surda brasileira (Skliar, 1998, p. 112). Essa perspectiva amplia o entendimento da gramática para além de um conjunto de normas abstratas, situando-a como prática social e culturalmente construída.

A relevância de investigar a base da estrutura gramatical da Libras para a aprendizagem em nível básico também se justifica pelo crescimento da demanda por formação em Libras em diferentes contextos educacionais e profissionais. A obrigatoriedade da disciplina em cursos de licenciatura e fonoaudiologia, bem como a ampliação de cursos livres e de extensão, evidenciam a necessidade de materiais e estudos que abordem a gramática da língua de forma acessível, científica e metodologicamente adequada aos iniciantes (Capovilla; Raphael, 2001, p. 15). Nesse cenário, a clareza conceitual acerca da estrutura gramatical da Libras torna-se condição essencial para a formação de professores, intérpretes e demais profissionais que atuam com a comunidade surda.

O estudo da gramática da Libras em nível básico contribui para a desconstrução de concepções equivocadas que ainda persistem no senso comum, tais como a ideia de que a língua de sinais é uma representação simplificada do português ou um sistema meramente gestual. Pesquisas linguísticas demonstram que a Libras possui mecanismos gramaticais sofisticados, incluindo processos de concordância verbal espacial, marcação de tempo e aspecto por meio do movimento e do espaço, bem como o uso sistemático de expressões não manuais como marcadores gramaticais (Ferreira-Brito, 2010, p. 94). Reconhecer esses aspectos desde o início da aprendizagem é fundamental para a construção de uma base sólida de conhecimento linguístico.

Nesse sentido, abordar a base da estrutura gramatical da Libras na aprendizagem em nível básico implica reconhecer que o processo de aquisição dessa língua envolve não apenas a memorização de sinais isolados, mas a internalização de princípios gramaticais próprios, que organizam o discurso e permitem a produção de enunciados coerentes e socialmente adequados. Conforme apontam Quadros e Karnopp (2004, p. 56), a competência gramatical em Libras desenvolve-se à medida que o aprendiz compreende o funcionamento do espaço linguístico e a relação entre forma e significado, elementos centrais para a fluência comunicativa.

Dessa forma, a discussão sobre a base da estrutura gramatical da Libras, com foco na aprendizagem em nível básico, revela-se fundamental tanto para o avanço dos estudos linguísticos quanto para o aprimoramento das práticas educacionais inclusivas. Ao compreender a gramática da Libras como um sistema legítimo e autônomo, contribui-se para a valorização da língua, para o respeito aos direitos linguísticos da comunidade surda e para a construção de uma educação verdadeiramente bilíngue e acessível.

2 Referencial teórico

2.1 Conceito e definição do tema

A compreensão do conceito e da definição da base da estrutura gramatical em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), especialmente no contexto da aprendizagem em nível básico, exige um enquadramento teórico que articule pressupostos da linguística das línguas de sinais, da terminologia linguística e da educação bilíngue. A partir da perspectiva terminológica, faz-se necessário delimitar com precisão os conceitos fundamentais envolvidos, evitando ambiguidades conceituais e reducionismos que historicamente marcaram a abordagem das línguas de sinais no campo educacional.

A Libras é definida como uma língua natural de modalidade visual-espacial, utilizada pela comunidade surda brasileira, dotada de estrutura gramatical própria e independente da língua portuguesa. Essa definição afasta-se de concepções ultrapassadas que a caracterizavam como um sistema auxiliar, gestual ou derivado de línguas orais. Conforme estabelecido pela linguística contemporânea, uma língua natural é aquela que emerge espontaneamente em uma comunidade linguística, apresentando regras sistemáticas de organização nos níveis fonológico, morfológico, sintático e semântico (Saussure, 2012, p. 41). Nesse sentido, a Libras atende plenamente aos critérios científicos que definem uma língua, ainda que sua modalidade de expressão seja distinta das línguas oral-auditivas.

No âmbito terminológico, o conceito de “estrutura gramatical” refere-se ao conjunto de princípios, regras e mecanismos que organizam a forma e o funcionamento de uma língua. Aplicado à Libras, esse conceito deve considerar sua especificidade modal, uma vez que os elementos constitutivos da gramática são expressos por meio de parâmetros visuais e espaciais. Quadros e Karnopp (2004, p. 27) definem a gramática da Libras como um sistema que integra parâmetros manuais e não manuais, responsáveis pela construção de significados linguísticos e pela organização do discurso sinalizado.

A base da estrutura gramatical da Libras compreende, portanto, os elementos fundamentais que sustentam a formação dos sinais e dos enunciados, tais como configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação e expressões não manuais. Esses parâmetros funcionam de maneira combinatória, sendo responsáveis por distinções lexicais e gramaticais, de modo semelhante ao papel desempenhado pelos fonemas nas línguas orais. Brito (2010, p. 58) ressalta que a alteração de apenas um desses parâmetros pode resultar na mudança completa de significado de um sinal, o que evidencia o caráter sistemático e estruturado da língua.

Ao tratar da aprendizagem em nível básico, o conceito de base gramatical assume um papel ainda mais central, pois corresponde ao conjunto de conhecimentos iniciais indispensáveis para que o aprendiz compreenda o funcionamento da língua de forma autônoma e progressiva. No nível básico, a gramática não deve ser entendida apenas como um corpo normativo, mas como um sistema funcional que permite a produção e a compreensão de enunciados simples,

respeitando a lógica interna da Libras. Segundo Capovilla e Raphael (2001, p. 22), a aquisição inicial da Libras deve priorizar a compreensão de sua estrutura gramatical própria, evitando abordagens baseadas exclusivamente na tradução palavra por palavra do português.

Do ponto de vista conceitual, é fundamental diferenciar a noção de gramática da Libras da noção de gramática do português sinalizado, frequentemente confundidas em práticas pedagógicas inadequadas. O português sinalizado consiste na transposição linear de palavras do português para sinais da Libras, mantendo a ordem sintática da língua oral, o que descaracteriza a estrutura gramatical da língua de sinais. Quadros (1997, p. 74) enfatiza que tal prática compromete o desenvolvimento da competência linguística, pois ignora os princípios estruturais da Libras, como a topicalização, o uso do espaço para referência e a simultaneidade de informações.

Nesse contexto, torna-se pertinente recorrer a uma definição ampliada da gramática da Libras, conforme apresentada por Quadros e Karnopp, em citação direta longa, que sintetiza de forma precisa o conceito central deste estudo:

A gramática das línguas de sinais constitui um sistema linguístico completo, no qual os elementos manuais e não manuais se articulam de forma simultânea e sequencial, organizando-se em níveis estruturais interdependentes. Esses níveis compreendem desde a fonologia, baseada em parâmetros visuais, até a sintaxe e a semântica, responsáveis pela construção do significado no discurso. Assim, a língua de sinais não representa uma versão simplificada de línguas orais, mas um sistema autônomo, regido por princípios próprios de organização gramatical (Quadros; Karnopp, 2004, p. 30).

A partir dessa definição, compreende-se que a base da estrutura gramatical da Libras não se restringe a aspectos formais isolados, mas envolve um conjunto integrado de elementos que operam simultaneamente no espaço linguístico. Essa característica impõe desafios específicos à aprendizagem inicial, sobretudo para aprendizes ouvintes, cuja experiência linguística prévia está ancorada em línguas linearizadas e auditivas. Por essa razão, a definição conceitual da gramática da Libras, no nível básico, deve enfatizar a necessidade de ruptura com modelos tradicionais de ensino de línguas, centrados exclusivamente na oralidade e na escrita.

Do ponto de vista terminológico, a precisão conceitual é essencial para garantir a coerência teórica do campo e a eficácia das práticas pedagógicas. Termos como “sinal”, “parâmetro”, “expressões não manuais” e “uso do espaço” devem ser compreendidos em sua dimensão linguística, e não como meros recursos gestuais. Conforme aponta Cabré (1999, p. 89), a terminologia científica desempenha papel fundamental na construção do conhecimento, pois permite a delimitação clara dos conceitos e a comunicação precisa entre pesquisadores e profissionais.

Assim, o conceito e a definição da base da estrutura gramatical da Libras, no contexto da aprendizagem em nível básico, devem ser compreendidos como o alicerce teórico que sustenta tanto os estudos linguísticos quanto as práticas educacionais. Trata-se de um conjunto de

princípios estruturais que possibilitam a compreensão da Libras como língua plena, autônoma e sistemática, cuja aprendizagem demanda abordagens pedagógicas alinhadas à sua natureza visual-espacial e à sua função social enquanto língua da comunidade surda brasileira.

2.2 Contexto histórico e evolução

A análise do contexto histórico e da evolução da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), especialmente no que se refere à consolidação de sua estrutura gramatical e ao reconhecimento de sua legitimidade linguística, revela um percurso marcado por tensões epistemológicas, disputas ideológicas e avanços científicos progressivos. A compreensão desse percurso é fundamental para situar, em termos teóricos e terminológicos, o estudo da base da estrutura gramatical da Libras e sua aplicação no processo de aprendizagem em nível básico.

Historicamente, as línguas de sinais foram marginalizadas no campo educacional e científico, sendo frequentemente concebidas como sistemas gestuais rudimentares, desprovidos de gramática própria. Essa concepção esteve fortemente associada à hegemonia do oralismo, paradigma educacional que predominou na educação de surdos a partir do Congresso de Milão, em 1880, no qual se deliberou pela exclusão das línguas de sinais dos espaços formais de ensino. Tal decisão teve repercussões profundas e duradouras, influenciando práticas pedagógicas e discursos científicos que desconsideravam a legitimidade linguística das línguas de sinais (Skliar, 1998, p. 56).

No Brasil, esse cenário refletiu-se na adoção de métodos educacionais centrados na oralização e na leitura labial, em detrimento do uso da língua de sinais. Durante grande parte do século XX, a Libras foi relegada a um papel secundário, restrita aos espaços informais de interação entre surdos. A ausência de reconhecimento institucional e a escassez de estudos linguísticos contribuíram para a perpetuação de concepções equivocadas acerca de sua estrutura gramatical, frequentemente interpretada como uma mera adaptação gestual da língua portuguesa (Ferreira-Brito, 1995, p. 21).

A mudança desse paradigma iniciou-se a partir da segunda metade do século XX, impulsionada por estudos linguísticos internacionais, especialmente os trabalhos de William Stokoe, nos Estados Unidos, que demonstraram cientificamente que a American Sign Language (ASL) possuía estrutura linguística própria. Embora tais estudos não se referissem diretamente à Libras, eles exerceram influência decisiva na reconfiguração do olhar científico sobre as línguas de sinais em geral, abrindo caminho para pesquisas semelhantes em outros países, inclusive no Brasil (Stokoe, 1960, p. 78).

No contexto brasileiro, os estudos pioneiros sobre a estrutura gramatical da Libras ganharam maior visibilidade a partir das décadas de 1980 e 1990, com o fortalecimento da linguística das línguas de sinais como campo científico autônomo. Pesquisadores como Lucinda Ferreira-Brito e Ronice Müller de Quadros desempenharam papel central nesse processo, ao descrever sistematicamente os níveis fonológico, morfológico e sintático da Libras, evidenciando

seu caráter de língua natural. Ferreira-Brito (1995, p. 37) destaca que a análise dos parâmetros fonológicos da Libras foi fundamental para a desconstrução da ideia de que os sinais seriam arbitrários ou desprovidos de organização interna.

A evolução do reconhecimento científico da Libras culminou em avanços significativos no plano jurídico e institucional. A promulgação da Lei nº 10.436/2002 representou um marco histórico ao reconhecer oficialmente a Libras como meio legal de comunicação e expressão da comunidade surda brasileira. Posteriormente, o Decreto nº 5.626/2005 regulamentou o uso da língua em contextos educacionais e institucionais, estabelecendo diretrizes para a formação de professores e intérpretes. Esses dispositivos legais contribuíram para a ampliação do ensino da Libras e para a valorização de sua estrutura gramatical nos espaços acadêmicos (Brasil, 2005, p. 2).

Do ponto de vista da evolução terminológica, observa-se uma transformação significativa na forma como os conceitos relacionados à Libras foram definidos e utilizados ao longo do tempo. Termos como “linguagem de sinais” ou “gestos” deram lugar à denominação “língua de sinais”, evidenciando uma mudança epistemológica que reconhece a autonomia linguística desses sistemas. Conforme ressalta Cabré (1999, p. 112), a evolução terminológica reflete não apenas transformações conceituais, mas também mudanças nas relações de poder e no reconhecimento social de determinados campos do conhecimento.

A consolidação da gramática da Libras como objeto de estudo científico também se refletiu na produção de materiais didáticos e na sistematização do ensino da língua, especialmente em nível básico. A partir dos anos 2000, observou-se um crescimento expressivo de pesquisas voltadas à descrição gramatical da Libras, bem como à elaboração de dicionários, gramáticas e propostas pedagógicas fundamentadas em princípios linguísticos. Capovilla e Raphael (2001, p. 18) destacam que esse movimento foi essencial para garantir maior consistência teórica ao ensino da LIBRAS, afastando práticas intuitivas ou baseadas exclusivamente na tradução do português.

Nesse contexto evolutivo, a aprendizagem da base da estrutura gramatical da Libras passou a ser concebida como um processo que demanda compreensão dos mecanismos próprios da língua, e não apenas a aquisição de um vocabulário isolado. A evolução dos estudos evidenciou que aspectos como o uso do espaço para referência, a concordância verbal espacial e as expressões não manuais desempenham funções gramaticais centrais, devendo ser abordados desde os níveis iniciais de ensino (Quadros; Karnopp, 2004, p. 64).

A seguir, apresenta-se uma citação direta longa que sintetiza a evolução histórica do reconhecimento da gramática da Libras, conforme descrito por Quadros:

O reconhecimento das línguas de sinais como línguas naturais representa uma ruptura paradigmática no campo da linguística e da educação de surdos. No caso da Língua Brasileira de Sinais, esse reconhecimento foi construído gradualmente, a partir de pesquisas que evidenciaram sua estrutura gramatical própria e sua complexidade linguística. Tal processo histórico resultou não apenas na valorização científica da LIBRAS, mas também em transformações profundas nas

práticas educacionais, especialmente no que se refere ao ensino e à aprendizagem da língua em seus níveis iniciais (Quadros, 2004, p. 19).

Dessa forma, o contexto histórico e a evolução da Libras revelam um movimento contínuo de afirmação linguística, científica e social. A superação de concepções reducionistas e a consolidação de uma abordagem teórica fundamentada permitiram que a estrutura gramatical da Libras fosse reconhecida como objeto legítimo de estudo e ensino. Tal evolução constitui o alicerce sobre o qual se desenvolvem as atuais propostas de aprendizagem em nível básico, reforçando a importância de uma abordagem terminologicamente precisa e historicamente contextualizada.

3 Conclusão

O presente artigo teve como objetivo analisar e discutir a base da estrutura gramatical da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), com ênfase em sua aprendizagem no nível básico, a partir de um referencial teórico fundamentado na linguística das línguas de sinais, na terminologia e na educação inclusiva. Ao longo do estudo, buscou-se reiterar a compreensão da Libras como uma língua natural, autônoma e sistemática, dotada de princípios gramaticais próprios, historicamente construídos e cientificamente descritos.

Os achados teóricos evidenciam que a estrutura gramatical da Libras não pode ser compreendida a partir de parâmetros das línguas oral-auditivas, uma vez que sua organização linguística está intrinsecamente relacionada à modalidade visual-espacial. Aspectos como a combinação dos parâmetros fonológicos, o uso do espaço tridimensional, a simultaneidade de informações, a concordância verbal espacial e o papel gramatical das expressões não manuais configuram elementos centrais que sustentam o funcionamento da língua e devem ser considerados desde os níveis iniciais de aprendizagem.

Constatou-se, ainda, que o reconhecimento histórico e científico da Libras representou uma ruptura paradigmática com concepções reducionistas que, por décadas, negaram sua legitimidade linguística. A evolução dos estudos linguísticos, aliada aos avanços legais e institucionais, contribuiu de forma significativa para a consolidação da gramática da Libras como objeto legítimo de investigação científica e de ensino. Esse percurso histórico reforça a necessidade de abordagens pedagógicas que respeitem a lógica interna da língua e valorizem sua dimensão cultural e identitária.

Do ponto de vista terminológico, o estudo reafirma a importância da precisão conceitual na definição dos elementos que compõem a estrutura gramatical da Libras, especialmente no contexto da aprendizagem básica. A utilização adequada dos termos científicos não apenas favorece a clareza teórica, mas também contribui para a qualificação das práticas educacionais e para a formação de profissionais mais conscientes das especificidades linguísticas da língua de sinais.

Em termos de implicações teóricas e práticas, o artigo contribui para o fortalecimento do campo dos estudos em Libras ao sistematizar conceitos fundamentais relacionados à sua estrutura gramatical e ao evidenciar a centralidade desses conceitos no processo de ensino-aprendizagem inicial. Espera-se que as reflexões apresentadas possam subsidiar futuras pesquisas, bem como orientar práticas pedagógicas mais alinhadas aos princípios linguísticos da Libras, promovendo uma educação mais acessível, equitativa e linguisticamente fundamentada.

Referências

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Diário Oficial da União, Brasília, 2002.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei nº 10.436/2002. Diário Oficial da União, Brasília, 2005.

CABRÉ, Maria Teresa. **La terminología: representación y comunicación.** Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada, 1999.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkíria Duarte. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira.** São Paulo: Edusp, 2001.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Por uma gramática de línguas de sinais.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Línguas de sinais: fundamentos teóricos.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

KARNOPP, Lodenir Becker. **Aquisição da linguagem de sinais: uma perspectiva linguística.** Porto Alegre: Mediação, 2010.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, Ronice Müller de. **Língua Brasileira de Sinais: estudos linguísticos.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral.** 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SKLIAR, Carlos. **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: Mediação, 1998.

STOKOE, William. **Sign language structure: an outline of the visual communication systems of the American Deaf.** Buffalo: University of Buffalo, 1960.